

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano III | Volume 5 | Nº 14 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.4516754>



NO ATUAL ESTÁGIO DA PANDEMIA, NÓS ENTRAMOS NO MODO DESLIGAMENTO

Luís Paulo Souza e Souza¹

Rodolpho Gomes Pereira²

Antônia Gonçalves de Souza³

Resumo

O presente ensaio emerge de reflexões sobre como a pandemia da COVID-19 tem se desenrolado no Brasil e sobre como os brasileiros têm se sentindo em meio a tanto caos. Além do vírus, só a irresponsabilidade avança neste país. A partir da ineficiência do atual governo e de um grupo de brasileiros que insistem em sair às ruas sem máscaras, insistem em lotar os bares, restaurantes e as praias, como se estivessem vivendo num mundo paralelo, como se tudo estivesse sob controle, relativizando os óbitos [que poderiam ser evitados, contudo, só aumentam], a sensação de outra parte dos brasileiros é de impotência e raiva, com uma vontade imensa de entrar num modo “desligamento”. Afinal de contas, achamos que não exista um ser deste país com alguma noção da realidade que não esteja se sentindo emocionalmente exausto.

Palavras chave: Brasil; COVID-19; Necropolítica; SARS-CoV-2.

Abstract

This essay emerges from reflections on how the COVID-19 pandemic has unfolded in Brazil and on how Brazilians have been feeling in the midst of so much chaos. Besides the virus, only irresponsibility advances in this country. From the inefficiency of the current government and a group of Brazilians who insist on going out on the streets without masks, insist on crowding the bars, restaurants and beaches, as if they were living in a parallel world, as if everything was under control, relativizing deaths [that could be avoided, however, only increase], the feeling of another part of Brazilians is of impotence and anger, with an immense desire to enter a "shutdown" mode. After all, we don't think there's a being in this country with any notion of reality that isn't feeling emotionally exhausted.

Keywords: Brazil; COVID-19; Necropolitic; SARS-CoV-2.

Não queremos mais ler sobre a COVID-19, nem fazer análises e projeções dos prováveis cenários que poderemos viver. Números, regressões múltiplas, números, correlações, números e mais números. Sempre somas: mais cinco mil, mais dez mil, mais cinquenta mil, mais cem mil. Só que, na verdade, são mais subtrações: menos cinco mil, menos dez mil ... menos cento e noventa e seis mil (BRASIL, 2020). E os nomes? Os apelidos? As idades? Os gêneros? Suas cores? Quem eram seus amores? Onde trabalhavam? Quantos eram seus filhos? Onde moravam? Como moravam? O que comiam? Mas, sinceramente, nós não queremos mais saber.

Não queremos terminar os projetos de pesquisa, nem as análises epidemiológicas que colocamos para rodar, nem os artigos que começamos a escrever, nem os livros que começamos a ler. Os artigos

¹ Doutor em Saúde Pública pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor Adjunto do Curso de Graduação em Medicina do Instituto de Saúde e Biotecnologia (ISB) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: luis.pauloss@hotmail.com

² Acadêmico do Curso de Graduação em Medicina da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), *campus* Contagem.

³ Especialista em Direitos Humanos pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Pesquisadora do Instituto de Saúde e Biotecnologia (ISB) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).



que produzimos com estratégias de discussão e enfrentamento da pandemia que foram aprovados e publicados? Maravilha! Vão contribuir nas discussões sobre a doença, pois foram feitos unicamente para esta finalidade; valeram à pena as muitas horas de dedicação. Aqueles que retornaram das revistas solicitando ajustes? Ficarão lá nos sistemas das submissões, parados, aguardando os prazos serem perdidos, propositalmente. Não queremos mais trabalhar neles, nem pensar no nosso papel enquanto profissionais da saúde e pesquisadores, afinal de contas, a ciência brasileira virou instrumento de perseguição nesta pandemia e, para o Presidente, ela não passa de mais uma estratégia dos “esquerdistas” para tentar derrubar seu governo.

Dizem por aí que o novo normal vai requer que nos reinventemos, exigindo maior solidariedade. Mas não. Não queremos mais nos reinventar, nem pensar nas pessoas que “não estão no mesmo barco que os nossos”, nem naquelas que nem em barcos estão, pois estão atravessando essa maré a nado (SOUZA e SOUZA; SOUZA; TIRELLI, 2020). Não queremos mais pensar nos nossos privilégios durante esta pandemia: internet de banda larga, comida estocada, um apartamento com excelente ventilação, um cômodo pra exclusivo para o *home office*, salário garantido no início de cada mês, água na torneira [que ainda sai aquecida, se a gente escolher].

Não vibraremos mais quando o Presidente do Brasil ou alguns de seus aliados fizerem ou proferirem mais uma das milhões de “merdas” em meio a todo esse caos. Não nos empolgaremos com uma possível queda do Bolsonaro, nem chamaremos seus apoiadores de burros e idiotas, nem nos indignaremos com tudo. Também, não nos importaremos mais que o Ministro da Saúde seja um militar com nenhuma experiência para o cargo, nem com a ausência de um plano para enfrentamento da pandemia no país, nem com os desvios de verbas destinados à COVID-19, e nem com a face desse Governo necropolítico, que tem imposto um falso dilema entre “vidas” e “economia”, como se fosse possível edificar conquistas econômicas sobre cadáveres (SOUZA e SOUZA; SOUZA; TIRELLI, 2020; SANTOS *et al.*, 2020). E nem com os inúmeros profissionais que estão esgotados Brasil a fora – ou adentro, nos interiores (SOUZA e SOUZA, 2020).

Também, não nos importamos mais com essas pessoas patéticas que saem às ruas sem máscaras, nem com aquelas que lotam os bares e restaurantes. E aquele amontoado de gente nas praias? Repararam? Parece que elas passaram a viver num mundo paralelo, como se tudo estivesse sob controle, relativizando os óbitos [que poderiam ser evitados, contudo, só aumentam]. Mas não, também não queremos mais saber que o saldo disso tudo será um tanto quanto feio. Aliás, já tem sido.

Temos fingido uma surdez, para não termos que ouvir de uma parcela da população [maior do que a gente imaginava, inclusive] que a cloroquina é a salvação, mesmo a ciência demonstrando que ela



pode ser tão eficaz como tomar água com limão ou própolis. E as pessoas que estão fazendo o movimento antivacina? Além do vírus, só a irresponsabilidade avança neste país.

Em alguns dias, até o banho fica na berlinda, mas ele sempre ganha e acabamos entrando no chuveiro com a esperança de que a água vai levar um pouco do desânimo. Nem músicas nós queremos mais ouvir. Apertamos o pause na metade delas, pois as letras e as melodias bonitas nos fazem refletir. Mas não. Não nos importamos mais.

Agora, tomamos nossos chás amargos e saboreamos nosso açaí com farinha [como faz o pessoal no Amazonas], assistindo letárgico a necropolítica deste (des)governo seguir seu curso. Num dado momento, pegamo-nos indignados com as manchetes. Como pode? Não é possível que fizeram isso! Daí, nós nos tocamos. Não queremos mais saber. Junto dos chás, tomamos dois ou três comprimidinhos que induzem o sono [ao invés de um, como prescrito], para que nós logo nos apaguemos, enquanto pensamos na abstração do tal “novo normal” que dizem aparecer, pois qualquer pensamento otimista neste país fica velho em dois minutos [ou depois de abrir qualquer manchete de jornal]. Parece que ninguém mais se importa. Parece que até Deus desistiu do brasileiro, pois o “novo normal à brasileira” é tocar o “foda-se” ou o “salve-se quem puder” e a insanidade virou outro nome para normalidade.

Por um só dia, dá vontade de assumirmos a presidência e ministérios e baixarmos um decreto pedindo a todos que durmam. Todo mundo dorme e nada acontece [ou a gente finge que nada acontece] por, pelo menos, algumas semanas. Seria lindo. O Bolsonaro destilando informações distorcidas sobre a doença sem ninguém pra duvidar; o Bolsonaro admitindo e demitindo gestores no Ministério da Saúde como num jogo de manda e desmanda; o Bolsonaro desviando dinheiro destinado ao enfrentamento da doença para outros projetos; o Bolsonaro enfiando goela abaixo um medicamento milagroso do “Messias”, como um garoto propaganda farmacêutico; o Salles (Ministro do Meio Ambiente) deixando a boiada passar; a Regina Duarte (ex-ministra da Cultura) vivendo no mundo da lua; os filhos do Presidente [01, 02 e 03] seguindo com seus esquemas fraudulentos, mas com o discurso forjado a favor da família tradicional e da anticorrupção; o governo usando o jargão de ouro do neoliberalismo “flexibilização”, estampando em *outdoors* [afinal de contas, tem ficado natural conviver com o amontoado de cadáveres da COVID-19]. E nós? Nós continuaríamos dormindo.

Entramos no modo desligamento. E jogamos o interruptor aqui do vigésimo andar, para que ele se espatife lá no chão, para que não haja qualquer chance de encontrá-lo em condições de conserto ou recuperação. O modo desligamento foi ligado, e vai ficar ligado sem possibilidade de ser desligado. Afinal de contas, achamos que não exista um ser deste país com alguma noção da realidade que não esteja se sentindo emocionalmente exausto.



REFERÊNCIAS

BRASIL. **COVID-19. Painel Coronavírus**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 04 jan. 2021.

SANTOS, H. L. P. C. *et al.* “Necropolítica e reflexões acerca da população negra no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil: uma revisão bibliográfica”. **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 25, n. 2, 2020.

SOUZA e SOUZA, L. P. “Trabalhadores da enfermagem na pandemia da COVID-19 no BRASIL: quem tem cuidado de quem cuida?”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 4, n. 11, 2020.

SOUZA e SOUZA, L. P.; SOUZA, A. G.; TIRELLI, C. “COVID-19 no Brasil: seguimos no mesmo mar, mas não nos mesmos barcos”. **Comunicação em Ciências da Saúde**, vol. 31, n. 3, 2020.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano III | Volume 5 | Nº 14 | Boa Vista | 2021

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima